



## AUDIOVISUAL

# Novo tempo para o vídeo

## 14º Videobrasil e "Made in Brasil" apontam o futuro da imagem eletrônica

MÁRCIO RODRIGO  
de São Paulo

O gesto inusitado da artista Leticia Parente ao bordar na sola de seu pé a expressão "Made in Brasil", no vídeo "Marca Registrada", de 1974, parece ter vaticinado qual seria o destino desse meio de expressão não só no Brasil, como no mundo. A linguagem do vídeo esteve desde suas origens ligada à contestação. Contestação ao alto custo da realização de filmes cinematográficos, em 16 ou 35 mm, e ao formato assumido pela maioria dos programas de televisão.

As três décadas da realização "M 3x3", da bailarina Analvia Cordeiro, considerado por especialistas o marco inaugural da videoarte brasileira, coincidem com os 20 anos do "Festival Internacional de Arte Eletrônica — Videobrasil" abrindo espaço para repensar a importância do universo videográfico para o contexto da produção de imagens contemporâneas e o futuro do audiovisual, num momento em que as novas tecnologias estimulam a convergência do cinema, da televisão e do vídeo.

O próprio conceito de "Deslocamentos" adotado pelo Festival, que chega à sua 14ª edição, em parceria com o SESC, reflete esta "migração" de uma mídia a outra, sem fronteiras definidas. A curadora Solange Farkas já havia constatado na edição anterior do evento os efeitos da nova tecnologia não só na produção mas também na recepção dos vídeos. Segundo ela, "essas mídias

produziram uma alteração na forma de percepção das imagens, gerando trabalhos inquietos e híbridos".

Esta sensação do vídeo enquanto um território artístico em movimento constante está presente nos quase 100 trabalhos selecionados para a mostra, que exhibe não só a produção nacional, mas abre espaço para realizadores de todo o mundo, com destaque para trabalhos do Líbano nesta edição.

Paralelo às novas produções, o Videobrasil, como é conhecido popularmente, exibirá os dez programas do "Made in Brasil", projeto desenvolvido pelo Itaú Cultural, com curadoria de Arlindo Machado, professor dos programas de pós-graduação da USP e da PUC, pioneiro na pesquisa acadêmica sobre o assunto. Com o objetivo de marcar por meio do resgate histórico as três décadas da produção videográfica brasileira, os módulos formam um grande panorama que dão a oportunidade de confrontar com os novos títulos exibidos nos demais módulos do Videobrasil; o passado e o presente da videoarte, comprovando, ou não, a tese do próprio Machado de que a linguagem das imagens eletrônicas conseguiu, por meio da experimentação, ampliar os horizontes e modificar os padrões de produção da televisão e do cinema, quase sempre inibidos pelo peso de interesses comerciais e políticos, co-

mo lembra o próprio professor.

Assistindo a vídeos como o mineiro "XX", que dá espaço para mulheres anônimas falarem sobre sexo de maneira absolutamente irreverente, enquanto se maquiam num tocador, que é parte integrante do cenário, percebe-se que as técnicas de captação e edição de imagem evoluíram, mas que a vocação "demolidora" dos realizadores permanece a mesma que a dos videomakers, que na década de 80 iniciaram a fase do "vídeo independente" no Brasil, marcada pelo bom humor e muito pela preocupação social e comportamental. Naquele início de anos 80, que marcaram a transição democrática brasileira, nomes como Marcelo Tas, hoje à frente do "Vitrine", na TV Cultura, interpretava o repórter Ernesto Varella, virando com

a produtora "Olhar Eletrônico" de cabeça para baixo as imagens e conceitos do jornalismo brasileiro, em gravações feitas por exemplo dentro do Congresso Nacional, no dia da histórica votação da Emenda "Dante de Oliveira", que propunha a eleição direta para presidente da república.

Foi também na "Olhar" que Fernando Meirelles fez escola para fundar anos mais tarde a maior produtora de comerciais do país, a O2, e dirigir "Cidade de Deus", filme que incorporou ao cinema brasileiro técnicas como o "machine gun cut" — ou "corte metralhadora". ampla-

mente utilizado para contar a história do conjunto habitacional carioca que primeiro viveu os efeitos da "guerra do tráfico".

Não adianta, porém, lembrar tanto o passado num meio marcado pela rapidez. Dentro deste universo em que pixels se confundem com dígitos, a Apple anunciou na última semana o lançamento no Brasil do software "Final Cut Pro 4", que promete simplificar ainda mais a finalização dos trabalhos. O programa, além da edição não-linear e efeitos especiais, permite alteração de cores, frame a frame, e a inserção de caracteres e legendas nas mais diversas fontes e formatos, para a satisfação da maioria dos videomakers, que continuam executando trabalhos mesclando o audiovisual com a linguagem escrita.

Outro software, o Soundtrack foi desenvolvido para a criação de composições musicais livres de direito autoral. Com mais de 4 mil trilhas e efeitos sonoros, o programa, que possui interface direta com o Final Cut Pro 4, permite aos editores, mesmo sem conhecimento musical, criar as próprias trilhas, desonerando os custos com direitos autorais na área musical. Somando novas tecnologias à criatividade dos realizadores, o vídeo desponta como a linguagem do futuro, em um mundo cada vez mais marcado pela cultura audiovisual. A "marca registrada" antevista por Leticia Parente, além de se tornar cada vez mais simples e barata de realizar, graças à tecnologia, segue como sinônimo de liberdade de expressão. ■

**"Essas mídias produziram uma alteração na forma de percepção das imagens"**